

"Uma celebração da coragem incomum
e de heróis improváveis." — *People*

SCHAGEL

KEN FOLLETT



O VOO DA VESPA

O VOO
DA VESPA

PARTE DO QUE SE SEGUE REALMENTE ACONTECEU.

PRÓLOGO

O HOMEM DA PERNA de pau avançou pelo corredor do hospital. Era um tipo baixo, vigoroso, de corpo atlético, com uns 30 anos. Trajava um terno cinza-escuro comum e calçava sapatos com os bicos reforçados. Andava rápido, mas, graças a uma ligeira irregularidade dos passos, era possível notar que mancava: tap-tap, tap-tap. Talvez por reprimir uma emoção profunda, tinha o rosto imobilizado em uma expressão amarga.

Ele chegou ao fim do corredor e parou diante da mesa da enfermeira.

– Tenente-aviador Hoare? – perguntou.

A enfermeira consultou uma lista. Era uma garota bonita, de cabelos negros, e falava com o sotaque suave do condado de Cork.

– O senhor deve ser parente, certo? – perguntou, com um sorriso amistoso. Seu encanto não produziu efeito.

– Irmão – informou o visitante. – Qual é o leito?

– Último à esquerda.

Ele se virou e seguiu pelo corredor até o fim da enfermaria. Sentado em uma cadeira ao lado da cama, um homem de roupão marrom estava de costas para o salão, olhando pela janela, fumando.

O visitante hesitou.

– Bart?

O homem da cadeira levantou-se e virou para trás. Tinha uma bandagem na cabeça e o braço esquerdo numa tipoia, mas sorria. Era uma versão mais jovem e mais alta do visitante.

– Oi, Digby.

Digby passou os braços em torno do irmão e o abraçou com força.

– Pensei que você estivesse morto – disse.

E começou a chorar.



– Eu estava pilotando um Whitley.

O Armstrong Whitworth Whitley era um bombardeiro pesadão, de manejo difícil e cauda longa, que voava em uma posição estranha, com o nariz apontado para baixo. Na primavera de 1941, o Comando de Bom-

bardeiros tinha uma centena deles, de um total de aproximadamente setecentas aeronaves.

– Um Messerschmitt atirou em nós e fomos atingidos diversas vezes – continuou Bart. – Mas ele devia estar com pouco combustível, porque deu o fora sem nos liquidar. Achei que fosse meu dia de sorte, mas logo começamos a perder altitude. O Messerschmitt deve ter danificado nossos dois motores. Jogamos fora tudo o que não estava aparafusado, para reduzir o peso, mas não adiantou. Íamos mergulhar no mar do Norte.

Digby sentou-se na beira da cama. Já não chorava, apenas examinava o rosto do irmão, que tinha o olhar distante enquanto rememorava.

– Falei para a tripulação se livrar da porta de trás e se posicionar para o mergulho da aeronave no mar, agarrando-se na divisória central.

O Whitley tinha cinco tripulantes, lembrou Digby.

– Quando atingimos altitude zero, puxei o manche e abri todos os aceleradores, mas a aeronave se recusou a nivelar e atingimos a água com um impacto enorme. Então eu desmaiei.

Eles eram meios-irmãos, com oito anos de diferença. A mãe de Digby morrera quando ele tinha 13 anos e seu pai se casara com uma viúva que tinha um filho. Desde o princípio Digby cuidara do irmão mais novo, protegendo-o dos valentões e ajudando-o com os deveres de casa. Ambos eram loucos por aviões e sonhavam ser pilotos. Digby tinha perdido a perna direita em um acidente de moto, fora estudar engenharia e trabalhar na construção de aeronaves, mas Bart realizara seu sonho.

– Quando acordei, senti cheiro de fumaça. O avião flutuava e a asa direita pegava fogo. Era uma noite escura como um túmulo, mas eu podia enxergar graças à luz das chamas. Arrastei-me pela fuselagem e encontrei o kit de sobrevivência no mar, que continha um bote de borracha. Joguei-o pela janela dos fundos e pulei. Meu Deus, como aquela água estava gelada!

Sua voz era baixa e calma, mas ele sugava o cigarro com força, tragando a fumaça até o fundo dos pulmões e soltando-a, em um longo jato, por entre os lábios contraídos.

– Eu estava usando um colete salva-vidas e voltei à superfície como uma rolha. O mar estava bastante ondulado e eu não parava de subir e descer. Por sorte, o bote estava bem na minha frente. Puxei a cordinha e no mesmo instante ele inflou, mas eu não conseguia entrar. Não tinha forças para sair da água. Na hora não consegui entender o motivo, porque não sabia que estava com um ombro deslocado, um pulso quebrado, três

costelas fraturadas e tudo mais. Assim, me limitei a ficar ali, segurando no barco, morrendo de frio.

Digby se lembrou de que em certa época achara que Bart fosse o sortudo.

– Jones e Croft acabaram aparecendo. Tinham ficado agarrados na cauda até ela afundar. Nenhum dos dois sabia nadar, mas o colete os salvou. Eles conseguiram pular para dentro do bote e me puxar.

Bart acendeu outro cigarro.

– Não cheguei a ver Pickering. Não sei o que aconteceu com ele, mas presumo que esteja no fundo do mar.

Ele ficou em silêncio. Digby deu-se conta de que faltava um membro da tripulação e perguntou, depois de uma pausa:

– E o quinto homem?

– John Rowley, o artilheiro, estava vivo. Ouvimos seus gritos. Eu estava meio tonto, mas Jones e Croft tentaram remar na direção da voz dele.

Ele balançou a cabeça em um gesto que indicava seu desalento.

– Você não pode imaginar como foi difícil. As ondas deviam ser de 1 metro, 1,5 metro, e, como as chamas estavam se apagando, não conseguíamos enxergar muita coisa. O vento uivava terrivelmente. Jones gritava... e olha que ele tem uma voz forte. Jones berrava, Rowley respondia, aí o bote subia pelo lado de uma onda e descia pelo outro e, quando Rowley gritava de novo, a voz dele parecia vir de uma direção completamente diferente. Não sei quanto tempo isso durou. Rowley continuou gritando, mas sua voz ia ficando cada vez mais fraca com todo aquele frio.

O rosto de Bart se contraiu.

– Ele começou a ficar meio patético, chamando por Deus e pela mãe, esse tipo de bobagem. Depois de algum tempo, calou a boca.

Digby notou que estava prendendo o fôlego, como se o mero som de sua respiração representasse uma intrusão naquela lembrança tão pavorosa.

– Fomos encontrados logo depois do raiar do dia por um destróier em missão de patrulha. Lançaram um escaler ao mar e nos içaram para bordo.

Bart desviou o olhar para a janela, ignorando a paisagem verdejante de Hertfordshire, contemplando uma cena diferente, distante.

– Na verdade, uma baita sorte – disse.



Eles ficaram quietos por algum tempo.

– A incursão deu certo? – perguntou Bart, quebrando o silêncio. – Ninguém quer me dizer quantos voltaram.

– Foi desastrosa – disse Digby.

– E a minha esquadrilha?

– O sargento Jenkins e sua tripulação voltaram em segurança. – Digby puxou um pedaço de papel do bolso. – Arasaratnam, o oficial aviador, também. De onde ele é?

– Do Ceilão.

– O avião do sargento Riley foi atingido, mas ele conseguiu voltar.

– Irlandês de sorte – comentou Bart. – E o resto?

Digby apenas balançou a cabeça.

– Mas havia seis aviões da minha esquadrilha nesse ataque! – protestou Bart.

– Eu sei. Assim como o seu, dois outros foram derrubados. Tudo indica que sem sobreviventes.

– Então Creighton-Smith está morto. E Billy Shaw. E... Meu Deus! – exclamou Bart, virando a cabeça.

– Sinto muito.

O estado de espírito de Bart mudou do desespero para a raiva.

– Não basta sentir muito – disse. – Nós estamos sendo enviados para a morte!

– Eu sei.

– Pelo amor de Deus, Digby, você faz parte desse maldito governo!

– Eu trabalho para o primeiro-ministro, sim.

Churchill gostava de recrutar gente da iniciativa privada para o governo, e Digby, um bem-sucedido projetista de aeronaves, era um de seus solucionadores de problemas.

– Então você é tão culpado quanto os outros. Não devia estar gastando seu tempo visitando os doentes. Dê o fora daqui e faça algo a respeito.

– Já estou fazendo – disse Digby, com calma. – Incumbiram-me de descobrir o que está acontecendo. Perdemos metade das aeronaves nessa incursão.

– Traição nos altos escalões, desconfio. Ou algum general de três estrelas imbecil se gabando no clube que frequenta sobre a missão do dia seguinte, enquanto o homem do bar, nazista, toma nota de tudo atrás dos barris de cerveja.

– É uma possibilidade.

Bart suspirou.

– Sinto muito, Diggers – disse ele, usando um apelido de infância. – A culpa não é sua, é que estou furioso.

– Falando sério, tem alguma ideia do motivo pelo qual tantos aviões estão sendo derrubados? Você já voou em mais de dez missões. Qual é a sua opinião?

Bart ficou pensativo.

– Eu não estava exagerando quando falei a respeito de espões. O negócio é que, quando chegamos à Alemanha, eles já estão nos esperando. Eles sabem quando estamos chegando.

– O que o faz pensar isso?

– Os caças estão no ar, à nossa espera. Você sabe como é difícil para uma força na defensiva calcular com precisão a hora de reagir. A esquadrilha tem que se espalhar no momento exato; é necessário que os caças partam de suas bases para a área em que se imagina que o ataque acontecerá. Eles têm então que ganhar uma altitude maior que a nossa e, depois, é preciso que nos encontrem no escuro. O processo todo leva tanto tempo que nós deveríamos ser capazes de soltar nossa encomenda em cima deles e dar o fora antes que nos pegassem. Só que não é isso o que vem acontecendo.

Digby balançou a cabeça. A experiência de Bart era igual à dos outros pilotos que interrogara. Ia dizer alguma coisa quando Bart ergueu os olhos e sorriu por cima do ombro de Digby. O mais velho se virou e avistou um homem negro envergando o uniforme de comandante de esquadrilha. Tal como Bart, era bem jovem para o posto, e Digby achou que ele devia ter recebido as promoções automáticas que vêm com a experiência de combate – tenente-aviador depois de doze surtidas e comandante de esquadrilha após quinze.

– Olá, Charles – cumprimentou Bart.

– Você nos deixou preocupados, Bartlett. Como vai?

O sotaque do recém-chegado era caribenho, misturado com a fala lenta de Oxford ou Cambridge.

– Dizem que eu talvez sobreviva.

Com a ponta do dedo, Charles tocou no dorso da mão de Bart, bem onde acabava a cobertura da tipoia. Um gesto curiosamente afetuosos, pensou Digby.

– Fico feliz em saber isso – disse Charles.

– Charles, este é meu irmão, Digby. Digby, Charles Ford. Fomos colegas no Trinity College até sairmos para ingressar na Força Aérea.

– Foi o único jeito de não fazermos as provas – brincou Charles, apertando a mão de Digby.

– Como os africanos estão tratando você? – perguntou Bart.

Charles sorriu e explicou a Digby do que se tratava:

– Tem uma esquadrilha de rodesianos na nossa base. São pilotos de primeira classe, mas têm dificuldade de lidar com um oficial da minha cor. Nós os chamamos de africanos, o que parece irritá-los um pouco. Não consigo imaginar o motivo.

– Evidentemente você não está permitindo que isso o abale – disse Digby.

– Acredito que com paciência e mais educação conseguiremos um dia civilizar essa gente, por mais primitiva que pareça ser.

Charles desviou os olhos e Digby vislumbrou a raiva que se escondia sob seu bom humor.

– Acabei de perguntar a Bart por que ele acha que estamos perdendo tantos bombardeiros – disse Digby. – Qual é a sua opinião?

– Não fui nessa incursão – respondeu Charles. – O que, pelo que sabemos agora, foi uma sorte. Mas outras operações recentes têm sido bastante ruins. A impressão que tenho é que a Luftwaffe é capaz de nos seguir por entre as nuvens. Será possível que eles tenham algum tipo de instrumento a bordo que lhes permita nos encontrar mesmo quando não estamos visíveis?

Digby balançou a cabeça.

– Cada aeronave inimiga derrubada é examinada minuciosamente, e nunca vimos nada que dê a entender o que você sugere. Trabalhamos duro para criar esse tipo de instrumento, e sem a menor dúvida o inimigo também se empenha nisso, mas estamos muito longe de conseguir. Quanto ao inimigo, temos convicção de que se encontra muito atrás de nós. Não creio que seja isso.

– Bem, é o que parece.

– Eu ainda acho que são espões – disse Bart.

– Interessante. – Digby levantou-se. – Tenho que voltar para Whitehall. Muito obrigado por suas opiniões. É sempre útil conversar com os homens que ocupam a posição mais difícil.

Ele apertou a mão de Charles e tocou no ombro bom de Bart.

– Veja se repousa e melhora logo.

– Dizem que estarei voando de novo em poucas semanas.

– Não posso dizer que isso me alegre.

Quando Digby se virou para ir embora, Charles dirigiu-se a ele:

- Posso lhe fazer uma pergunta?
 - Naturalmente.
 - Numa incursão como essa, o custo para substituímos as aeronaves perdidas deve ser maior que o custo para o inimigo reparar os danos causados por nossas bombas.
 - Sem dúvida.
 - Então... – Charles levantou os braços em sinal de incompreensão. – Então por que fazemos isso? De que adianta bombardear?
 - Sim – respondeu Bart. – Eu também quero saber.
 - O que mais podemos fazer? – indagou Digby. – Os nazistas controlam a Europa: Áustria, Tchecoslováquia, Holanda, Bélgica, França, Dinamarca, Noruega. A Itália é aliada, a Espanha é simpatizante, a Suécia é neutra e eles têm um pacto com a União Soviética. Não temos forças militares no continente. Não temos outro modo de reagir.
- Charles aquiesceu.
- Quer dizer então que nós somos tudo o que vocês têm.
 - Exatamente – concordou Digby. – Se o bombardeio acabar, a guerra termina e Hitler sai vitorioso.



O primeiro-ministro estava assistindo a um filme chamado *O falcão mal-tês*. Um cinema particular fora construído recentemente na antiga cozinha da sede do Almirantado. Tinha cinquenta ou sessenta poltronas luxuosas e uma cortina de veludo vermelho, mas era geralmente usado para exibir filmes de incursões aéreas às áreas bombardeadas e projetar peças de propaganda antes de serem mostradas ao público.

Tarde da noite, depois de todos os memorandos serem ditados, cabogramas expedidos, relatórios anotados e minutas rubricadas, quando se sentia preocupado, furioso e tenso demais para dormir, Churchill se sentava com um copo de conhaque em uma das amplas poltronas VIP da fileira da frente e se deixava levar pelos últimos encantos de Hollywood.

Quando Digby entrou, Humphrey Bogart estava explicando a Mary Astor que, quando o parceiro de um homem é morto, espera-se que esse homem tome alguma providência. O ar estava denso de fumaça de charuto. Churchill apontou para uma poltrona. Digby sentou-se e assistiu aos últimos minutos do filme. Quando os créditos apareceram sobre a estatueta de um falcão

negro, Digby disse a seu chefe que a Luftwaffe parecia ser avisada com antecedência das incursões do Comando de Bombardeiros.

Quando ele terminou, Churchill ficou olhando fixamente para a tela por algum tempo, sem dizer nada. Havia ocasiões em que ele era encantador, com um sorriso envolvente nos lábios e um brilho cintilante nos olhos azuis, mas naquela noite parecia mergulhado em tristeza. Até que, por fim, perguntou:

– O que a Força Aérea Real acha?

– A RAF culpa as más formações de voo. Em teoria, se os bombardeiros voassem em formação cerrada, sua artilharia deveria cobrir todo o céu, de maneira que qualquer caça inimigo que aparecesse deveria ser abatido imediatamente.

– E o que você acha disso?

– Bobagem. Formação de voo nunca funcionou. Algum fator novo entrou na equação.

– Concordo. Mas o quê?

– Meu irmão culpa os espiões.

– Todos os espiões que pegamos eram amadores, mas exatamente por isso foram apanhados. Pode ser que os competentes tenham escapado.

– Talvez os alemães tenham conseguido um avanço técnico.

– O Serviço Secreto me diz que o inimigo está muito atrás de nós no desenvolvimento do radar.

– O senhor confia na opinião do Serviço Secreto?

– Não.

As luzes do teto foram acesas. Churchill vestia traje a rigor. Ele sempre parecia dinâmico, mas seu rosto estava vincado de cansaço. Pegou do bolso do colete uma folha de papel fino dobrada.

– Aqui está uma pista – disse, entregando o papel a Digby.

Digby examinou o que estava escrito. Parecia ser o texto decifrado de uma mensagem da Luftwaffe, em alemão e inglês. Dizia que a nova estratégia da Luftwaffe de combate noturno – Dunkle Nachtjagd – obtivera um grande triunfo, graças à excelente informação da Freya. Digby leu a mensagem em inglês e depois releu em alemão. “Freya” não era uma palavra em nenhuma das duas línguas.

– O que isto significa?

– É o que quero que você descubra. – Churchill pôs-se de pé e vestiu o paletó. – Venha comigo.

Na saída, ele se virou para a cabine de projeção.

– Muito obrigado! – exclamou.

– Por nada, senhor, foi um prazer – respondeu o operador.

Enquanto atravessavam o prédio, dois homens passaram a segui-los: o inspetor Thompson, da Scotland Yard, e o guarda-costas particular de Churchill. Saíram em um campo de parada, passaram por uma equipe que armava um balão de barragem e chegaram à rua através de uma passagem na cerca de arame farpado. Londres estava às escuras por causa do blecaute, mas a lua crescente proporcionava claridade suficiente para que encontrassem seu caminho.

Lado a lado, Churchill e Digby andaram alguns metros pela Horse Guards Road e o Storey's Gate até o número 1. Uma bomba danificara a parte de trás do número 10 da Downing Street, a residência tradicional do primeiro-ministro, e por isso Churchill estava morando perto dali, em um anexo do complexo subterrâneo conhecido como Gabinete de Guerra. A entrada era protegida por uma parede à prova de bombas. O cano de uma metralhadora aparecia através de um buraco na parede.

– Boa noite, senhor – despediu-se Digby.

– As coisas não podem continuar assim – disse Churchill. – Neste ritmo, o Comando de Bombardeiros não existirá mais no Natal. Preciso saber o que ou quem é Freya.

– Descobrirei.

– Com o máximo de rapidez.

– Sim, senhor.

– Boa noite – despediu-se o primeiro-ministro.

PARTE UM

CAPÍTULO UM

NO ÚLTIMO DIA de maio de 1941, um estranho veículo foi visto nas ruas de Morlunde, uma cidade da costa ocidental da Dinamarca.

Era uma motocicleta Nimbus, dinamarquesa, com *sidecar*. Por si só, o veículo já seria uma visão rara, pois não havia gasolina para ninguém, exceto para médicos, policiais e, é claro, as tropas alemãs que ocupavam o país. Mas havia mais a estranhar: aquela Nimbus tinha sido modificada. O motor a gasolina de quatro cilindros fora substituído por um motor a vapor tirado de uma lancha. O banco do *sidecar* fora removido para dar lugar a uma caldeira, uma fornalha e uma chaminé. O motor substituto tinha pouca força e a velocidade máxima da moto era de cerca de 35 quilômetros por hora. Em vez do costumeiro ronco do escape de uma moto, naquela só havia o delicado silvo do vapor. O silêncio incomum e o ritmo lento lhe davam um ar majestoso.

Quem ocupava o selim era Harald Olufsen, um jovem de 18 anos alto e louro, com o cabelo penteado para trás e a testa larga. Harald parecia um viking vestindo um blazer escolar. Tinha economizado durante um ano para comprar a Nimbus, que lhe custara 600 coroas. Só que, um dia depois de comprá-la, os alemães haviam imposto as restrições de combustível.

Harald ficara furioso. Que direito tinham de fazer aquilo? Mas decidira agir em vez de se queixar.

Fora preciso um ano inteiro para modificar a moto, trabalhando nos feriados escolares, revezando a atividade mecânica com os estudos necessários para seu exame de ingresso na universidade. Hoje, saindo do internato para passar o feriado de Pentecostes com a família, passara a manhã memorizando equações de física e a tarde prendendo a roda dentada de um cortador de grama enferrujado na roda de trás da Nimbus. Agora, com a motocicleta funcionando perfeitamente, encaminhava-se para um bar onde esperava ouvir um pouco de jazz e, quem sabe, conhecer algumas garotas.

Ele amava jazz. Depois da física era a coisa mais interessante que lhe acontecera. Os músicos americanos eram os melhores, claro, mas valia a pena ouvir até mesmo seus imitadores dinamarqueses. Às vezes era possível

ouvir bom jazz em Morlunde, talvez porque fosse um porto internacional, visitado por marinheiros de todo o mundo.

Mas quando Harald chegou ao clube Hot, no coração da zona portuária, sua porta estava fechada e as janelas, cerradas.

Ele ficou espantado. Eram oito horas de uma noite de sábado e aquele era um dos pontos mais populares da cidade. Deveria estar sacudindo ao ritmo da música.

Harald ficou sentado, olhando fixamente para o prédio silencioso. Um transeunte parou, interessado na moto.

– O que é essa engenhoca?

– Uma Nimbus a vapor. Sabe de alguma coisa a respeito do clube?

– Sou o dono dele. O que a moto usa como combustível?

– Qualquer coisa que queime. Eu uso turfa. – Ele apontou para a pilha na parte de trás do *sidecar*.

– Turfa? – O homem riu.

– Por que as portas estão fechadas?

– Os nazistas mandaram fechar.

Harald ficou desolado.

– Por quê?

– Por empregar músicos negros.

Harald nunca vira um músico negro em carne e osso, mas sabia pelos discos que eram os melhores.

– Os nazistas são porcos ignorantes – disse, furioso.

Sua noite tinha sido arruinada.

O dono do clube olhou para os dois lados da rua para se assegurar de que ninguém tinha ouvido. Os alemães tinham ocupado a Dinamarca, mas a governavam com mão leve. Ainda assim, algumas pessoas insultavam abertamente os nazistas. Não havia, contudo, ninguém à vista. Ele voltou a concentrar a atenção na motocicleta.

– Funciona?

– Claro que funciona.

– Quem fez a conversão para você?

– Eu mesmo fiz.

A diversão do homem estava se transformando em admiração.

– Muito hábil, você.

– Obrigado.

Harald abriu a válvula que levava vapor para dentro do motor.

– Sinto muito pelo que aconteceu com o seu clube.

– Espero que eles me deixem abrir de novo dentro de poucas semanas. Mas terei que prometer só empregar músicos brancos.

– Jazz sem negros? – Harald balançou a cabeça, enojado. – Mesma coisa que banir os cozinheiros franceses dos restaurantes.

Ele tirou o pé do freio e a moto deslocou-se lentamente.

Pensou em ir ao centro da cidade para ver se conhecia alguém nos cafés e bares em torno da praça, mas sentia-se tão desapontado com o que acontecera com o clube de jazz que decidiu que seria deprimente permanecer por ali. Harald seguiu para o porto.

Seu pai era pastor da igreja de Sande, uma ilhota situada a 3 quilômetros do litoral. A pequena barca que fazia o transporte até a ilha estava atracada, e ele seguiu diretamente para ela. A embarcação estava cheia, e ele conhecia a maioria das pessoas que viu. Um grupo alegre de pescadores que tinham participado de um jogo de futebol e tomaram umas e outras depois da partida; duas mulheres ricas, de chapéu e luvas, com uma pilha de compras e uma carruagem de duas rodas puxada por um pônei; uma família de cinco pessoas que voltava de uma visita a amigos na cidade. O casal bem-vestido, que ele não reconheceu, provavelmente ia jantar no hotel da ilha, cujo restaurante era de alta classe. Sua motocicleta atraiu a atenção de todos e ele teve que dar explicações sobre o motor mais uma vez.

No último minuto apareceu um sedã Ford fabricado na Alemanha. Harald conhecia o carro, que pertencia a Axel Flemming, proprietário do hotel da ilha. Os Flemmings eram hostis à família de Harald. Axel Flemming achava que era o líder natural da comunidade da ilha, um papel que o pastor Olufsen acreditava lhe pertencer, e o atrito entre os patriarcas rivais afetava todos os outros membros das famílias. Harald gostaria de saber como Flemming conseguira combustível para o seu carro. Concluiu que, para os ricos, a tarefa não devia ser tão difícil quanto para o resto da população.

O mar estava agitado e havia nuvens escuras no céu ocidental. Uma tempestade estava a caminho, mas os pescadores disseram que estariam em casa antes que ela chegasse. Harald abriu o jornal que pegara na cidade. Intitulado *Realidade*, era uma publicação ilegal, impressa a despeito das ordens do governo de ocupação e distribuída gratuitamente. A polícia dinamarquesa não tentara reprimir sua circulação e os alemães pareciam achar que aquilo não merecia especial atenção. Em Copenhague, todo mundo o lia abertamente nos trens e nos bondes. Como ali as pessoas eram mais

discretas, Harald o dobrou para esconder a manchete enquanto lia uma reportagem sobre a falta de manteiga. A Dinamarca produzia toneladas de manteiga todos os anos, mas quase tudo seguia para a Alemanha, o que deixava os dinamarqueses praticamente sem acesso ao produto. Esse era o tipo de matéria que nunca aparecia na imprensa censurada.

Eles se aproximavam da ilha, com sua familiar forma achatada e seus 20 quilômetros de comprimento e 2 de largura, e uma aldeia em cada ponta. As casas dos pescadores e a igreja com seu presbitério constituíam a aldeia mais antiga, na ponta sul. Também na ponta sul ficava uma escola de navegação, há muito abandonada, que fora tomada pelos alemães e transformada em base militar. O hotel e as casas maiores ficavam na ponta norte. Entre uma e outra, a ilha era constituída principalmente de dunas de areia e mato ralo, com poucas árvores e sem elevações. Ao longo de quase toda a orla, uma praia magnífica estendia-se por pouco mais de 15 quilômetros.

Harald sentiu algumas gotas de chuva quando a barca se aproximou do cais na ponta norte da ilha. A carruagem do hotel aguardava o casal bem-vestido. Os pescadores foram recepcionados pela mulher de um deles, conduzindo uma carroça. Harald decidiu atravessar a ilha e ir para casa pela praia – que, com sua areia compacta, já fora usada para testes de velocidade de carros de corrida.

Estava a meio caminho entre o cais e o hotel quando ficou sem vapor. Harald usava o tanque de combustível da moto como reserva de água e acabara de concluir que ele não era suficientemente grande. Seria necessário ter também um tambor de óleo de 19 litros no *sidecar*. Mas, antes disso, precisava de água para chegar em casa.

Havia apenas uma casa à vista e, infelizmente, era a de Axel Flemming. Apesar da rivalidade, os Olufsens e os Flemmings se davam: todos os membros da família Flemming iam à igreja aos domingos e se sentavam bem na frente, juntos. Na verdade, Axel era diácono. Mesmo assim, Harald não gostava muito da ideia de ter de pedir ajuda aos Flemmings. Chegou a pensar em caminhar 500 metros até a casa mais próxima, mas concluiu que seria tolice. Respirou fundo e começou a andar.

Em vez de bater à porta da frente, contornou a casa e dirigiu-se aos estábulos. Ficou satisfeito ao ver um criado guardando o Ford na garagem.

– Olá, Gunnar – disse Harald. – Posso usar um pouco de água?

O homem foi amável.

– Sirva-se à vontade – disse. – Há uma torneira no jardim.

Harald encontrou um balde perto da torneira e o encheu. Depois voltou à estrada e encheu o tanque de água. Talvez conseguisse concluir a missão sem encontrar nenhum membro da família. Mas, quando retornou com o balde para o jardim, lá estava Peter Flemming.

Alto, insolente, 30 anos, vestindo um terno de tweed claro bem cortado, Peter era filho de Axel. Antes da briga entre as duas famílias, fora muito amigo de Arne, irmão de Harald. Na adolescência, os dois tinham feito fama como grandes conquistadores. Arne seduzia as garotas com seu charme malicioso e Peter, com sua sofisticação indiferente. Peter mudara-se para Copenhague, mas devia ter vindo visitar a família no feriado.

Ele estava lendo o *Realidade*. Levantou os olhos do jornal para ver Harald.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou.

– Olá, Peter, vim pegar um pouco de água.

– Suponho que este lixo aqui seja seu.

Harald tocou no bolso e constatou, pesaroso, que o jornal devia ter caído no chão quando se abaixara para pegar o balde.

Peter, que o observava atentamente, percebeu o que acontecera.

– Obviamente é seu – disse. – Você sabe que pode ir para a cadeia só por ter uma coisa destas em seu poder?

Aquelas não eram palavras vazias, e sim uma ameaça real. Peter era detetive da polícia.

– Todo mundo lê na cidade – disse Harald, tentando soar desafiador.

Na verdade sentia-se um pouco amedrontado. Peter era mau-caráter o bastante para prendê-lo.

– Não estamos em Copenhague – retrucou Peter com ar solene.

Harald sabia que Peter adoraria a oportunidade de prejudicar um Olufsen. No entanto, estava hesitando, e Harald desconfiou do motivo.

– Você vai fazer papel de bobo se prender um estudante em Sande por fazer algo que metade da população faz abertamente. Até porque todos aqui sabem que você guarda ressentimento do meu pai.

Peter ficou visivelmente dividido entre a vontade de humilhar Harald e o medo de passar vergonha.

– Ninguém tem o direito de violar a lei – disse ele.

– Que lei? A nossa ou a dos alemães?

– A lei é a lei.

Harald sentiu-se mais confiante. Peter não estaria argumentando de forma tão defensiva se estivesse mesmo pensando em prendê-lo.

– Você diz isso porque o seu pai ganha muito dinheiro dando boa vida aos nazistas no hotel.

Essas palavras o acertaram em cheio. O hotel era muito popular entre os oficiais alemães, que tinham mais dinheiro para gastar que os dinamarqueses. Peter ficou vermelho de raiva.

– Enquanto seu pai faz sermões provocativos – rebateu.

Era verdade: o pastor tinha pregado contra os nazistas; o tema do sermão fora “Jesus era judeu”.

– Ele tem ideia do problema que vai haver se ele provocar um levante da população?

– Com certeza. O fundador da religião cristã também era criador de casos.

– Não me fale sobre religião. Tenho que manter a ordem aqui na Terra, não no céu.

– Vá pro inferno com a ordem! Fomos invadidos! – A frustração de Harald pela noite malsucedida atingiu seu ápice. – Que direito têm os nazistas de nos dizer o que fazer? O que devíamos fazer era chutar essa cambada para fora da nossa terra!

– Você não devia odiar os alemães, eles são nossos amigos – disse Peter, com um ar de plena superioridade moral que enfureceu Harald.

– Eu não odeio os alemães, seu idiota, tenho primos alemães.

A irmã do pastor tinha se casado com um dentista de Hamburgo, jovem e bem-sucedido, que viera passar férias em Sande na década de 1920. Monika, a filha deles, foi a primeira garota que Harald beijou.

– Eles sofreram mais com os nazistas que nós – acrescentou Harald.

Tio Joachim era judeu e, embora tivesse sido batizado como cristão e desempenhasse funções importantes na sua igreja, os nazistas disseram que ele só podia tratar judeus, arruinando assim sua carreira como médico. Um ano atrás fora preso sob a suspeita de esconder ouro e mandado para um tipo de prisão especial chamada *Konzentrationslager*, na pequena cidade bávara de Dachau.

– As pessoas criam os próprios problemas – disse Peter, com um ar de imensa sabedoria. – Seu pai jamais deveria ter permitido que a irmã se casasse com um judeu.

Ele atirou o jornal no chão e se afastou.

A princípio Harald ficou espantado demais para dizer qualquer coisa. Inclinou-se e apanhou o jornal. Só então respondeu, voltado para as costas de Peter, já alguns passos distante.

– Você está começando a falar como um nazista!

Ignorando-o, Peter desapareceu na entrada da cozinha e bateu a porta.

Harald sentiu que perdera a discussão, o que era exasperador, porque sabia que Peter tinha dito algo ultrajante.

Começou a chover forte quando ele voltava para a estrada. Ao chegar à moto, descobriu que o fogo da caldeira tinha se apagado.

Tentou acendê-lo de novo. Tinha o *Realidade* e uma caixa de fósforos de madeira de boa qualidade, o que sempre ajudava. Mas não trouxera o fole que usara para acender o fogo ao sair de casa. Depois de 20 minutos de frustração na chuva, desistiu. Teria que voltar para casa a pé.

Levantou a lapela do blazer.

Empurrou a moto por uns 500 metros até o hotel, deixou-a na pequena área de estacionamento e saiu andando pela praia. Naquela época do ano, a três semanas do solstício de verão, só escurecia lá pelas onze horas, mas, com o céu nublado e a chuva que caía, a visibilidade ficava reduzida. Harald seguiu margeando as dunas; o barulho do mar chegava ao seu ouvido direito e o guiava. Em pouco tempo suas roupas estavam tão encharcadas quanto se ele tivesse ido para casa a nado.

Harald era um rapaz forte, esguio como um galgo de corrida, mas, depois de duas horas daquela caminhada, estava cansado, gelado e todo dolorido. Ao esbarrar na cerca que delimitava o perímetro da nova base alemã, deu-se conta de que teria que caminhar mais de 3 quilômetros para contorná-la se quisesse chegar à sua casa, que ficava a poucos metros dali.

Se a maré estivesse baixa, teria continuado pela praia, pois, embora aquele trecho fosse oficialmente fora dos limites, os guardas não seriam capazes de vê-lo em uma noite tão escura. No entanto, a maré estava alta e a cerca ficava mergulhada na água. Passou-lhe pela cabeça nadar aquele último trecho, mas desistiu imediatamente da ideia. Como típico integrante de uma comunidade de pescadores, Harald tinha grande respeito pelo mar e sabia do perigo de nadar à noite com aquele tempo, principalmente estando tão exausto.

Restava-lhe ainda a opção de pular a cerca.

A chuva tinha diminuído e a lua crescente aparecia entre nuvens velozes, banhando intermitentemente com sua luz incerta a paisagem alagada. Harald podia ver a cerca de tela de arame com 1,80 metro de altura encimada por dois fios de arame farpado. A tarefa era bastante difícil, mas não chegava a ser um obstáculo intransponível para uma pessoa determinada e em

boa forma física. Quase 50 metros para dentro, a cerca passava através de um pequeno bosque de árvores mirradas e era encoberta por arbustos. Era por ali que ele teria que passar.

Sabia bem o que encontraria do outro lado da cerca. No último verão trabalhara ali, como operário na obra do que, naquele tempo, nem imaginava que viria a ser uma base militar. Os construtores, de uma firma de Copenhague, tinham dito a todo mundo que ali funcionaria uma nova estação da Guarda Costeira. Talvez tivessem dificuldade para recrutar trabalhadores se dissessem a verdade à época da obra – Harald, por exemplo, se soubesse, não teria trabalhado para os nazistas. Depois, quando os prédios foram edificadas e a cerca fixada, todos os dinamarqueses foram demitidos. Alemães vieram instalar o equipamento. Mas Harald conhecia a disposição dos edifícios. A antiga escola de navegação fora reformada e dois prédios novos haviam sido construídos, um de cada lado. Todas as edificações eram recuadas em relação à praia, portanto era possível atravessar a base sem se aproximar delas. Além do mais, grande parte do terreno daquele lado estava coberta de arbustos baixos que ajudariam a escondê-lo. Só teria que ficar de olho nos guardas que patrulhavam as instalações.

Correu até o bosque, galgou a cerca, transpôs cuidadosamente os dois fios de arame farpado e saltou para o outro lado, aterrissando suavemente na areia molhada. Olhou em torno, numa tentativa de enxergar através da escuridão, e viu apenas o vulto vago das árvores. Mesmo sem distinguir os prédios, podia ouvir música ao longe, assim como, ocasionalmente, uma explosão de risos. Era sábado à noite e talvez os soldados estivessem tomando cerveja enquanto os oficiais jantavam no hotel de Axel Flemming.

Ele atravessou a base. À luz intermitente da lua, movia-se o mais depressa possível, permanecendo o mais perto que podia da vegetação. Orientava-se pelas ondas à direita e pela música indistinta à esquerda. Passou por uma estrutura alta que reconheceu, na escuridão, como a torre do farol. Toda a área podia ser iluminada em uma emergência, mas normalmente a base ficava no escuro.

Uma súbita explosão de som à sua esquerda o assustou e ele se agachou, o coração batendo acelerado. Olhou na direção dos edifícios. Uma porta entreaberta deixava escapar um fecho de luz. Enquanto olhava, um soldado saiu correndo. Outra porta abriu-se em um prédio diferente e o soldado correu na sua direção.

O coração de Harald bateu mais devagar.

Ele passou em meio a um renque de coníferas e mergulhou num declive do terreno. Quando chegou à parte mais baixa, viu uma estrutura diferente em meio à escuridão. Não foi capaz de distingui-la claramente, mas não conseguiu se lembrar de nada que houvesse sido construído naquele lugar. Aproximando-se mais, notou uma parede de concreto recurvada mais ou menos da altura da sua cabeça. Acima da parede algo se movia e ele ouviu um zumbido baixo, como o de um motor elétrico.

Aquilo devia ter sido construído pelos alemães depois que os trabalhadores locais foram dispensados. Harald gostaria de saber por que nunca vira aquela estrutura de fora da cerca e logo concluiu que as árvores e a depressão do terreno a esconderiam de praticamente todos os pontos de observação, exceto talvez da praia – cujo acesso era proibido a partir da área da base.

Quando levantou a cabeça e tentou distinguir os detalhes, a chuva caiu em seu rosto e fez arder seus olhos. Mas ele era curioso demais para desistir. Por um momento a lua clareou a cena e Harald tentou de novo, estreitando os olhos. Acima da parede circular conseguiu identificar uma grade de metal ou arame, de cerca de 3,5 metros. Toda a engenhoca rodava como um carrossel, completando uma rotação a intervalos de poucos segundos.

Harald ficou fascinado. Era uma máquina de um tipo que nunca vira antes, e o engenheiro que havia nele deixou-se enfeitiçar. O que ela fazia? Por que girava? O barulho não queria dizer nada – era apenas o motor que acionava a coisa. Com certeza não se tratava de uma arma – pelo menos não do tipo convencional, pois não tinha cano. Seu melhor palpite era de que tivesse algo a ver com rádio.

Alguém tossiu ali perto.

Harald reagiu instintivamente. Deu um pulo, passou os braços por cima da beirada da parede e levantou o corpo. Deixou-se ficar por um segundo na estreita superfície superior da parede, sentindo-se perigosamente visível, e passou para o lado de dentro. Teve medo de pisar em algum mecanismo em movimento, embora tivesse certeza quase absoluta de que haveria um passadiço em torno do aparelho para permitir que os engenheiros fizessem a manutenção. Após um momento de tensão, tocou num piso de concreto. O zumbido ali era mais alto e dava para perceber o cheiro de óleo de motor. Sentiu na língua o gosto peculiar da eletricidade estática.

Quem tossira? Presumiu ter sido alguma sentinela que estivesse passando por perto, cujas passadas certamente foram abafadas pelo vento e pela

chuva. Por sorte, o vento e a chuva abafaram também o barulho que Harald fizera para escalar o muro. Mas a sentinela o teria visto?

Espremeu o corpo contra uma parte curva da parede, respirando fundo, esperando que a qualquer momento o facho de uma lanterna poderosa o denunciasse. O que aconteceria se o apanhassem? Os alemães eram amáveis ali no interior. A maioria não andava se pavoneando como conquistadores e chegava inclusive a parecer quase envergonhada por estar no comando. Provavelmente o entregariam à polícia dinamarquesa. Quanto a esta, ele não tinha certeza de qual linha de ação adotaria. Se Peter Flemming fizesse parte da força local, faria de tudo para assegurar sofrimento máximo a Harald. Mas, por sorte, ele estava baseado em Copenhague. O que Harald temia, mais que qualquer punição oficial, era a ira de seu pai. Já podia ouvir o interrogatório sarcástico do pastor: “Você pulou a cerca? E entrou numa área militar secreta? À noite? E usou isso como um atalho para voltar para casa porque estava chovendo?”

Mas nenhuma luz se acendeu sobre Harald. Ele esperou e, enquanto estava ali, olhou fixamente para a silhueta escura do aparelho que tinha à sua frente. Achou ter visto cabos grossos saindo da parte inferior da grade e desaparecendo na outra extremidade da cavidade. Aquilo só podia ser um meio de enviar ou receber sinais de rádio, pensou.

Passados alguns minutos, teve certeza de que o guarda se afastara. Escalou a parede e tentou enxergar através da chuva. De cada lado da estrutura conseguiu ver duas formas escuras menores, mas eram estáticas e só podiam fazer parte da máquina. Não havia sentinelas em seu campo de visão. Deslizou para a parte externa da parede e saiu andando outra vez pelas dunas.

Em um momento de maior escuridão, quando a lua se escondeu atrás de uma nuvem grossa, ele deu de cara numa parede de madeira. Chocado e momentaneamente assustado, praguejou baixinho. Um segundo depois percebeu que tinha esbarrado na parede de uma velha casa de barcos usada antigamente pela escola de navegação. Estava abandonada e os alemães não a tinham reparado, aparentemente por não terem uso para ela. Ficou imóvel por um instante, ouvindo, mas só conseguiu escutar as batidas do próprio coração. Seguiu em frente.

Chegou à cerca sem maiores incidentes. Pulou-a e foi para casa.



Primeiro dirigiu-se à igreja. O lugar era iluminado através da longa fileira de pequenas janelas quadradas do lado do mar. Espantado com a presença de qualquer pessoa na igreja àquela hora da noite de um sábado, olhou para dentro dela.

A igreja era comprida e de teto baixo. Em ocasiões especiais, podia abrigar os quatrocentos residentes da ilha, mas na conta exata. As fileiras de bancos ficavam de frente para um púlpito de madeira. Não havia altar. As paredes eram nuas, exceto por alguns textos emoldurados.

Os dinamarqueses não eram dogmáticos em questões de religião e a maioria da nação seguia o luteranismo evangélico. Os pescadores de Sande, contudo, tinham sido convertidos, um século antes, a um credo mais rigoroso. E nos últimos trinta anos o pai de Harald conservara acesa a fé do seu rebanho dando, com a própria vida, um exemplo de puritanismo inflexível, fortalecendo a determinação de seus fiéis em sermões semanais de retórica apaixonada e confrontando pessoalmente os apóstatas com a irresistível santidade de seus olhos azuis. A despeito do exemplo dessa convicção ardorosa, seu filho não era devoto. Harald comparecia aos serviços religiosos sempre que estava em casa – não queria magoar os sentimentos do pai –, mas, em seu coração, discordava. Ainda não tinha se decidido a respeito de religião, de um modo geral, mas sabia que não acreditava em um Deus de regras mesquinhas e punições vingativas.

Enquanto olhava pela janela, Harald ouviu música. Seu irmão, Arne, estava ao piano, tocando uma melodia de jazz com um estilo muito delicado. Harald sorriu satisfeito. Arne viera passar o feriado em casa. Ele era divertido e sofisticado e animaria os longos dias na residência do pastor.

Harald deu a volta e entrou. Sem olhar para trás e sem se interromper, Arne mudou a música para um hino religioso. Harald riu. Arne ouvira a porta se abrindo e pensara que fosse o pai. O pastor não aprovava o jazz e certamente não permitiria que fosse tocado em sua igreja.

– Sou eu – avisou Harald.

Arne se virou. Estava usando o uniforme marrom do Exército. Dez anos mais velho que Harald, era instrutor de voo da aviação militar, baseado na escola de pilotos perto de Copenhague. Os alemães tinham interrompido toda a atividade militar dinamarquesa e as aeronaves ficavam em terra a maior parte do tempo, mas os instrutores podiam dar aulas em planadores.

– Vendo você com o canto do olho, achei que fosse o velho. Arne avaliou Harald de cima a baixo, afetuosamente. – Você está cada vez mais parecido com ele.

– Isso quer dizer que vou ficar careca?

– Provavelmente.

– E você?

– Acho que não. Saí à mamãe.

Era verdade. Arne tinha cabelo grosso e escuro e olhos cor de avelã. Harald era louro como o pai e, além dos olhos azuis, também herdara o olhar penetrante com que o pastor intimidava seu rebanho. Tanto Harald quanto o pai eram formidavelmente altos, fazendo Arne parecer baixo com seu 1,80 metro.

– Quero que você escute isto – disse Harald. Arne levantou-se e Harald sentou-se ao piano. – Aprendi de um disco que levaram para a escola. Você conhece Mads Kirke?

– É primo do meu colega Poul.

– Exato. Ele descobriu um pianista americano chamado Clarence Pine Top Smith. – Harald hesitou. – O que o velho está fazendo?

– Escrevendo o sermão de amanhã.

Ótimo.

O piano não podia ser ouvido da casa, a 50 metros de distância, e era improvável que o pastor interrompesse seus preparativos para dar uma incerta na igreja, especialmente com aquela chuva. Harald começou a tocar “Pine Top’s Boogie-Woogie” e o salão da igreja se encheu das harmonias sensuais do Sul dos Estados Unidos. Ele era um pianista inspirado, embora sua mãe dissesse que tinha a mão pesada. Como não conseguia ficar quieto para tocar, levantou-se, chutou o banco para trás, derrubando-o, e passou a tocar em pé, inclinando o corpo comprido sobre o teclado. Assim ele cometia mais erros, mas isso não parecia importar desde que mantivesse o ritmo da música. Quando martelou o último acorde, disse, em inglês, “É disso que estou falando!”, exatamente como Pine Top dizia no disco.

Arne riu.

– Nada mau!

– Você devia ouvir o original.

– Vamos até a varanda. Quero fumar.

– O velho não vai gostar.

– Estou com 28 anos – disse Arne. – Velho demais para que meu pai diga o que devo fazer.

– Eu concordo. Mas e ele?

– Você tem medo dele?

– Claro! Assim como mamãe e praticamente todas as outras pessoas desta ilha... inclusive você.

Arne sorriu.

– Está bem, mas talvez só um pouco.

Os dois irmãos se postaram do lado de fora da igreja, protegidos da chuva por um pequeno pórtico. Na outra ponta de uma faixa de terreno arenoso podiam ver a silhueta escura da residência destinada ao pastor. Luz projetava-se pela janelinha em forma de losango da porta da cozinha. Arne pegou seus cigarros.

– Teve notícias de Hermia? – perguntou Harald.

Arne estava noivo de uma inglesa que não via há bem mais de um ano, desde que os alemães tinham ocupado a Dinamarca.

Arne balançou a cabeça.

– Tentei escrever para ela. Descobri o endereço do consulado inglês em Gotemburgo. – Os dinamarqueses eram autorizados a escrever para a Suécia, que era neutra. – Enderecei a carta para ela, sem mencionar o consulado no envelope. Achei que tinha sido muito esperto, mas os censores não se deixam enganar tão facilmente. Meu comandante trouxe a carta de volta e disse que, se eu tentasse algo assim de novo, seria levado à corte marcial.

Harald gostava de Hermia. Algumas das namoradas de Arne tinham sido... bem, eram louras burras mesmo, mas Hermia tinha inteligência e coragem. Assustava um pouco no começo, com sua aparência dramática e seu jeito direto de falar, mas conquistara a afeição de Harald por tratá-lo como homem, não como o irmão mais moço de Arne. Além do mais, era sensacionalmente voluptuosa vestindo um maiô.

– Você ainda quer se casar com ela?

– Por Deus, sim, se ela ainda estiver viva. Pode ter sido morta por uma bomba em Londres.

– Deve ser duro não saber.

Arne assentiu e disse:

– E você? Alguma novidade?

Harald deu de ombros.

– Garotas da minha idade não se interessam por estudantes.

O tom com que disse isso foi leve, mas escondia um ressentimento. Tinha sofrido duas dolorosas rejeições.

– Suponho que queiram sair com um cara que possa gastar algum dinheiro com elas.

– Exatamente. E garotas mais jovens... Conheci uma garota na Páscoa, Birgit Claussen.

– Claussen? Da família de construtores navais de Morlunde?

– Isso mesmo. Ela é bonita, mas só tem 16 anos e é muito chata.

– Ainda bem. A família dela é católica. O velho não aprovaria.

– Eu sei. – Harald franziu a testa. – Mas ele é estranho. Na Páscoa pregou sobre tolerância.

– Ele é tão tolerante quanto Vlad, o Empalador. – Arne jogou fora o resto do cigarro. – Vamos lá, falar com o velho tirano.

– Antes de irmos...

– O quê?

– Como vão as coisas no Exército?

– Mal. Não podemos defender o país e na maior parte do tempo não tenho autorização para voar.

– Quanto tempo as coisas vão continuar assim?

– Quem sabe? Para sempre, talvez. Os alemães conquistaram tudo. Não há oposição, salvo os ingleses. E mesmo eles estão por um fio.

Harald baixou a voz, embora não houvesse quem pudesse escutá-lo:

– Certamente alguém em Copenhague deve estar dando início a um movimento de resistência...

Arne deu de ombros.

– Se houvesse, e eu tivesse conhecimento, não poderia dizer a você, poderia?

Antes que Harald pudesse falar alguma coisa. Arne saiu correndo debaixo da chuva na direção da luz da cozinha de casa.